

PIERRE LÉVÊQUE

O MUNDO HELLENÍSTICO

Título original: *Le monde hellénistique*

© Armand Colin

Tradutor: Teresa Meneses

Capa de Edições 70

e Jorge Machado Dias

Ilustração da capa: NIKE (Vitéria) DE SAMOTRÁCIA cerca de 190 a. C.

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa
por Edições 70, Lda., Lisboa — PORTUGAL

EDIÇÕES 70, LDA. — Av. Duque de Ávila, 69-r/c Esq. — 1000 LISBOA

Telefs. 57 83 65/55 68 98/57 20 01

Telegramas: SETENTA

Telex: 64489 TEXTOS P

Esta obra está protegida pela Lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor, será passível
de procedimento judicial.


edições 70

Para ler - mar 2014

O MUNDO DA CONQUISTA: A EXPLORAÇÃO DOS REINOS

Capítulo II

Os sucessores de Alexandre encontram-se perante um problema que já tinha sido o seu: organizar a vida económica e social nos reinos onde tradicionalmente ela era regulamentada pela autoridade real. Dedicam-se a essa tarefa com a preocupação constante — que se trata da mais elementar das sabedorias — de não perturbar demasiado a ordem anteriormente estabelecida. Mas as condições novas — desenvolvimento de uma burguesia capitalista de origem grega e, no Egipto, introdução da moeda — determinam transformações profundas, especialmente visíveis nas cidades. A sobreposição de uma classe de conquistadores a uma massa de indígenas vencidos (mas, a maior parte dos quais habituados há muito a dominações estrangeiras) dá ao mundo helenístico a sua fôrça particular e faz dele, frequentemente, a prefiguração do Império Romano.

A urbanização

A civilização arcaica e clássica tinha coincido com o desenvolvimento da *pólis* e era nos grandes centros urbanos, tais como Mileto, Corinto, Atenas, Siracusa, que se tinha desenvolvido a civilização grega. Alexandre tinha mostrado bem ser o herdeiro da tradição, ao semear o Império que acabava de conquistar com numerosas Alexandrias, destinadas a helenizar o Oriente e a realizar essa fusão de raças que ele considerava necessária.

Os seus sucessores seguem inegavelmente a sua política que não deixará de inspirar também a de Roma: os Selêucidas fundam nos seus Estados inúmeras cidades novas; os Atálidas, numa Ásia Menor urbanizada desde há muito tempo, fundam, no entanto,

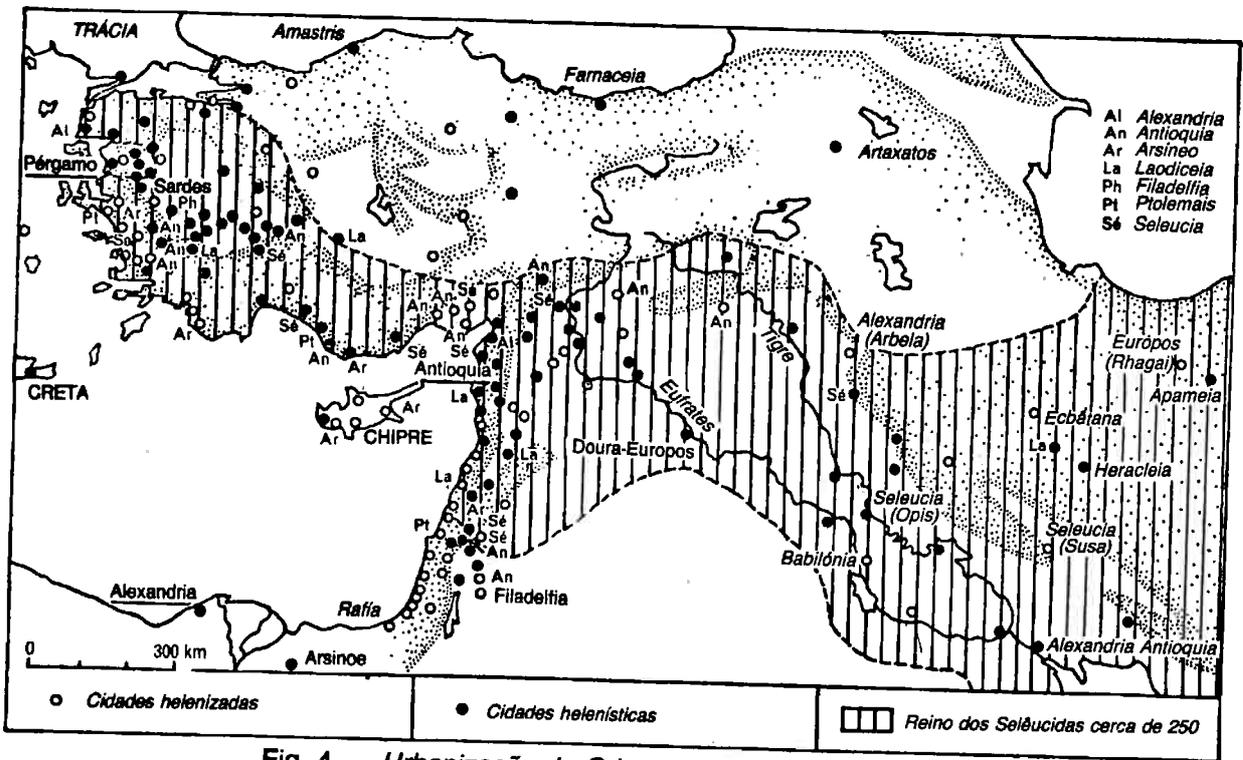


Fig. 4. — Urbanização do Oriente e criações dinásticas

Pérgamo, para terem uma capital capaz de rivalizar com as grandes metrópoles do Oriente¹; o Egípcio dos Lágdas continua puramente rural, mas Alexandria, criação de Alexandre, conhece um prodigioso desenvolvimento que faz dela a cidade mais importante do mundo helenístico (fig. 4).

As criações dos Selêucidas

Seleuco I, por si só, funda cerca de sessenta cidades, entre as quais 16 Antioquias (com o nome de seu pai) e 9 Seleucias. As criações multiplicam-se no reinado de Antíoco I, mas tornam-se mais raras nos reinados dos seus sucessores até Antíoco IV Epífanes, sob o qual recrudescem com esplendor. Aliás, não nos devemos deixar iludir pela palavra «fundação» que não implica necessariamente uma criação *ex nihilo*, mas que esconde por vezes um sinecismo de aldeias, ou a elevação de uma aldeola indígena à dignidade de cidade, ou mesmo uma simples mudança de nome.

Estas cidades são verdadeiras *pólis*, no sentido grego do termo, com um território, uma autonomia municipal, especialmente em matéria judiciária e financeira, e com magistrados. É certo que já não representam Estados independentes como na época clássica, estão, a maior parte das vezes, estreitamente submetidas à vigilância de um governador (epístates) e, por vezes, têm de receber uma guarnição. O rei, aliás, concede-lhes diferentes mostras de filantropia, participando com o seu próprio dinheiro na construção dos edifícios públicos, socorrendo-as em caso de catástrofe, concedendo-lhes privilégios que aumentam a sua independência, tais como o direito de asilo ou a inviolabilidade.

Os objectivos desta urbanização são bastante diversos. As cidades favorecem o desenvolvimento económico, que cresce, na mesma proporção, a fortuna do rei. Elas permitem a implantação de tropas, que guardam os grandes eixos de circulação e as posições estratégicas: o caso é nítido na Ásia Menor, disputada encarniçadamente aos Atálidas, onde as instalações de clercos sob a forma de pequenos agrupamentos urbanos (*polisminia*) são em grande número. Elas diminuem as resistências indígenas, fragmentando as antigas satrapias entre as cidades. Chegou mesmo a pensar-se que os soberanos encontram aí um hábil meio de satisfazerem

¹ Outras regiões são helenizadas na Anatólia sob o impulso dos Atálidas, especialmente a Panfília (Planície entre o Taurus e a costa meridional), terra rica em realizações urbanas que, tal como Pérgamo, «apresentam um valor monumental, um aumento das proporções, uma composição arquitectural que não se encontram em qualquer outro lugar» (R. Martin). Pergé, por exemplo, possui magníficas muralhas helenísticas.

os gostos tradicionais dos seus súbditos gregos, poupando-se ao peso de uma administração como a que os Lágidas têm de utilizar no seu reino puramente rural. Enfim, não esquecem completamente o pensamento de Alexandre, se não se trata mais de proceder à fusão das raças, pelo menos sonham com a helenização do Oriente, com o duplo fim de melhor dominarem os indígenas assimilando-os e de expandirem a civilização grega, considerada superior e a única digna do homem.

Os resultados desta política são designais. Os Selêucidas criam dificuldades a si próprios, pois as cidades são turbulentas, segundo a grande tradição grega, e registam-se, por exemplo, várias revoltas de Antioquia. É verdade que o sistema persa das satrapias não era muito mais favorável a um poder central forte. Por outro lado, limitam os seus rendimentos, tirando terras do rei para doarem territórios às cidades, enquanto os impostos directos ou indirectos por elas pagos rendem menos do que a exploração do solo pelos camponeses do rei. Mas, para além dos benefícios militares e económicos, a urbanização é, politicamente, uma medida hábil, pois é incontestável que ela favorece a difusão do helenismo². Enquanto os Lágidas se comportam com demasiada frequência como capitalistas, preocupados unicamente em aumentarem os seus rendimentos, os Selêucidas conduzem-se como reis, não negligenciando os interesses superiores do seu reino.

DOURA E ANTIOQUIA

As cidades selêucidas são construídas segundo o mesmo modelo e segundo as regras estritas do urbanismo hipodâmico³. São construções feitas à pressa, que só raramente dão uma impressão de monumentalidade e de beleza.

² A difusão do direito grego até no Irão selêucida é notável. Foram encontradas cartas de alforria segundo os usos gregos na região de Gorgan (no canto sudeste do mar Cáspio, na Hircânia) e em Selêucia de Eulatois (Susã); são dadas «no interesse do rei e da rainha» e o escravo é consagrado, depois da sua libertação, a uma divindade. Scrápis no primeiro caso, a deusa indígena Nanaiá no segundo. — No édito de Antíoco III em Laodiceia, cf. *ibid.*, págs. 201.

³ O urbanismo hipodâmico apareceu cerca de 480. A tradição ligada ao nome de Hipódamo de Mileto, um filósofo (pitagórico?) que de facto parece ter sintetizado as pesquisas anteriores efectuadas especialmente nas cidades coloniais. Está fundado em dois princípios novos:

- 1) as ruas corram-se em ângulo recto, o que produz uma disposição em tabuleiro de xadrez, sem que, aliás, existam dois eixos principais, como virá a ser o caso nas criações romanas;
- 2) o plano quer-se funcional e reserva, por exemplo, bairros especiais no porto, nos edifícios públicos, no habitat.

Uma primeira zona de urbanização é construída pela antiga Mesopotâmia, com¹ Antioquia-Edessa, Antioquia-Nisibis, Doura-Europos, Selêucia do Tigre, Babilónia. Destas cidades a que é melhor conhecida, graças a belas campanhas de escavações, é Doura-Europos, na margem direita do Eufrates, criação de Seleuco I. Cidadela que guarda a passagem do rio e centro comercial de primeira ordem, a cidade está construída como um tabuleiro de xadrez em torno de um vasto âgora. As suas instituições são gregas, com uma *banilé*, um estratego, tesoureiros, *sinotai* encarregados do reabastecimento de trigo, mas o rei exerce a sua vigilância através de um epistates. Os cidadãos têm *kléroi* (lotes de terra) que, são trabalhados por indígenas. Mas, ao lado dos templos dedicados a deuses gregos (Zeus Mégistos⁴, Apolo e Ártemis), os santuários de divindades locais são numerosos e a arte é um bom testemunho da predominância rápida dos elementos orientais. Em todo o caso, a prosperidade económica é grande e o desenvolvimento de Doura será contínuo, para além da ocupação pática, durante a época romana.

As mais belas criações selêucidas situam-se, no entanto, na Síria, que aliás se torna o centro do reino depois da sua diminuição sucessiva. Contam sobretudo quatro localidades: dois portos, Selêucia de Pétria e Laodiceia (Larakieh), duas cidades no Oronte, Antioquia e Apameia.

Antioquia está situada na margem esquerda do Oronte, a 22 km da foz, num vale rico, cuja largura nesse sítio é de cerca de 40 km e cuja fertilidade do solo e abundância de precipitações permitem transformar num vasto jardim. O Oronte, navegável até ao mar, é ladeado por uma estrada que noutro sentido, permite atingir por meio de caravanas a Ásia anterior.

A cidade, fundada em 300 por Seleuco I para 10 000 colonos, atinge um desenvolvimento considerável. No fim do período helenístico, ela agrupa, sem contar com os grandes subúrbios indígenas, 300 000 a 400 000 habitantes, repartidos por quatro bairros: dois junto do rio e que datam da fundação, um terceiro, Neápolis, numa ilha do Oronte, anexada por Antíoco III o Grande, um quarto nas primeiras encostas do monte Sílpios, obra de Antíoco IV Epifanes que manda também cercar a cidade de muralhas. O plano está feito segundo as normas vulgares do urbanismo helenístico: uma grande via segue paralelamente ao rio e é cortada por ruas em ângulos rectos.

⁴ Muito grande.

As instituições de Antioquia são as de uma *pólis*, com *boule* e arcortes. Muitos Gregos vieram juntar-se aos colonos macedônicos de Seleuco I e o elemento indígena é importante: numerosos Sírios naturalmente, que se helenizam rapidamente; numerosos agrupados num *ghetto*. Metrópole cosmopolita de ruas cheias de vida, com uma indústria têxtil florescente, e capital do reino selêucida, Antioquia é uma das cidades mais prósperas e mais animadas do Oriente helenístico. Mas, apesar dos esforços de alguns dos seus reis (Antíoco III e Antíoco IX procuraram ambos estabelecer aí um Museu e uma Biblioteca) e ainda que aí se trabalhem os metais preciosos, ela não pode rivalizar nem com Alexandria nem com Pérgamo como centro literário e artístico. O seu destino é ser uma cidade levantina, cuja incomparável riqueza e propensão para o luxo e para os prazeres virão a ser confirmados na época romana.

Pérgamo a Atália

O destino de Pérgamo é completamente diferente. A capital dos Atáidas ergue-se a 30 km da costa, sobre um esporão formado por dois afluentes do Cáicos, o Selimunte e o Cétios: esta plataforma de traquite, com 335 m de altura, constitui um sítio admirável, mas difícil de organizar para a construção, por causa precisamente da sua altura. Os arquitectos conseguem resolver a situação sobrepondo três cidades, ligadas umas às outras por escadas, com mirantes e terraços que suportam pórticos de dois andares, e testemunham um gosto novo pelo pitoresco e que se adaptam perfeitamente à paisagem (fig. 5).⁵

A cidade alta, a mais importante, aquela onde se concentram as funções políticas e administrativas, possui uma ágora dupla, delimitada por um templo de Dioniso. Na plataforma superior fica o grande altar de Zeus e de Atena, um dos mais notáveis edifícios da decoração esculpida⁶, o santuário de Atena Políade, delimitado por dois pórticos e dominando soberbamente o vale do Selimunte (com o seu templo dórico de sobria decoração), a Biblioteca e, mesmo no alto, o palácio e um vasto arsenal. Num nível um pouco inferior, fica o teatro, dominando ele próprio um longo terraço em cuja extremidade se ergue o pequeno templo jónico de Dioniso.

Na cidade do meio encontra-se um magnífico ginásio, talvez o mais belo do mundo helenístico, disposto em vários planos

⁵ Sobre o urbanismo de Pérgamo, cf. *infra*, pág. 130.
⁶ Cf. *infra*, pág. 128 e pág. 136.

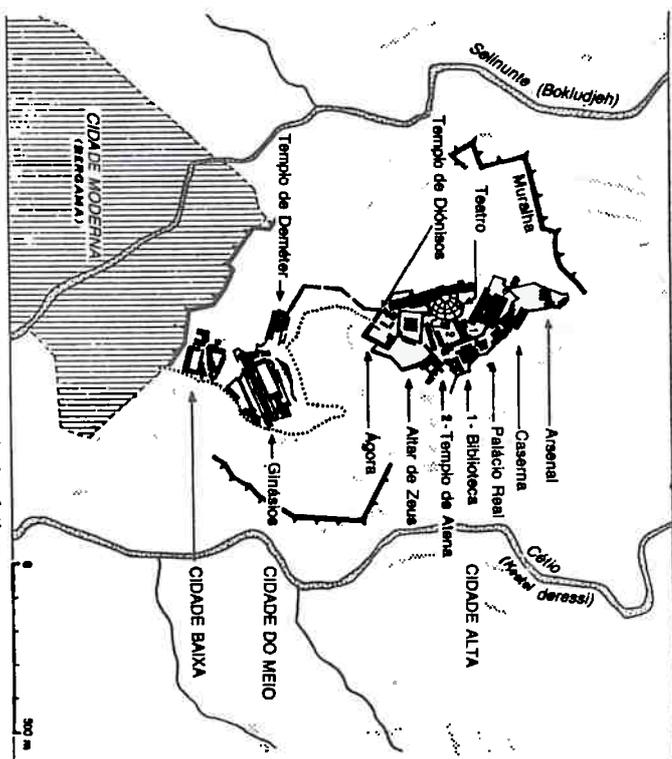


Fig. 5. — Pérgamo helenística

sobrepostos unidos por grupos de escadas e de passagens subterrâneas, e também os templos de Deméter e de Hera Basileia (Rainha) separados pelo Prítaneu. A cidade baixa, à volta de uma ágora espaçosa delimitada por uma série de colunas de dois andares, constitui o centro comercial. O produto final é uma cidade admiravelmente bem conseguida, edificada para rivalizar com Atenas e onde tantas inspirações novas surgiram. «O que é que há de comum entre os troféus com que Roma marca o mundo e a paixão com que os helenísticos fizeram do vasto sítio de Pérgamo uma arquitectura que se desprende do horizonte até aos deuses?» (A. Malraux).

Este sucesso explica-se pelas actividades múltiplas, de que Pérgamo se tornou o centro, e pela vontade dos Atáidas. Não é o comércio que explica o seu desenvolvimento, pois fica situada demasiado longe das grandes vias que se dirigem para a Alta Ásia. Mas ela é o centro de um território rico (trigo, oliveiras, vinhas) e faz-se aí uma criação de gado científica com selecção de espécies. Possui também uma indústria diferenciada: perfumes, panos finos, pergaminho (cujo próprio nome faz pensar no nome

A preocupação com o conforto e a limpeza é levada muito longe: a água é distribuída através de uma estreita rede de canais ligada ao canal que traz a água do Nilo.

УМ ТУРВЛІНІАО СОСМОРОЛІГА

A cidade oferece um dos espectáculos mais cosmopolitas de todo o Oriente grego. Segundo Estrabão tem mais de um milhão de habitantes. Ai se acotovelam todas as nações: Gregos, Egípcios, Sírios e, a partir de certa data, Itálicos. Só por si os Judeus ocupam dois quintos: as suas violentas disputas com os Gregos trazem muitas vezes perturbações graves que se prolongam até à época romana.

A cidade administra-se a si própria, pelo menos aparentemente. Conhecem-se através das inscrições duas assembleias: a *bonis*, criada por Alexandre e suprimida pouco tempo depois, a *ekklésia*, organizada segundo o sistema ateniense, com tribos, frações e demos. O magistrado mais importante parece ser o ginasarca, que aparece como o representante dos cidadãos e o defensor das liberdades republicanas. De facto, numa cidade que é também capital de um reino fortemente centralizado e residência real, a autonomia é mais fachada que realidade: os funcionários reais imbuem-se nos assuntos municipais, nomeadamente o «chefe da guarda de noite», titular de um cargo muito pouco conhecido, mas indubitavelmente próximo do que irá ocupar em Roma o prefeito dos vigiles.

A vida é animada, barulhenta, frenética. As perturbações de Alexandria cantadas pelos poetas vão servir de modelo aos satíricos que evocarão as de Roma e depois as de Paris. Praticam-se todos os prazeres, mesmo os menos inocentes. «Afrodite está ali como em casa» diz Herondas (1, 26). Como não é difícil esconder-se na cidade, muitos camponeses que fogem aos pesos da vida rural refugiam-se lá (V. *infra*, pág. 88). O povo é turbulento: o seu espírito de rebelião teve muitas vezes ocasião de se manifestar durante as querelas dinásticas do século II, tal como durante a intervenção de Júlio César⁷.

AS FUNÇÕES DE ALEXANDRIA

Alexandria é praticamente a única cidade do Egipto, pois não são de ter em conta as duas cidades que têm também estatuto de pólis, a velha Náucratis e Ptolemais, fundada por Soter.

⁷ Os tumultos remontam a 203, quando a população lincha os maus conselheiros de Filopator.

São três os factores que explicam um desenvolvimento único na história do mundo grego. Em primeiro lugar é o centro político do reino lágida e dá abrigo à enorme burocracia que administra o Egipto.

Em segundo lugar é o centro de uma actividade económica intensa. As manufacturas fabricam vasos de terracota ou de metal, tecidos finos, papel (a partir do papiro), perfumes. Das suas oficinas saem artigos de luxo de grande nomeada no mundo inteiro (V. *infra*, pág. 141). Alexandria é além disso o único verdadeiro porto do Egipto no Mediterrâneo, e portanto a sua única ligação com os outros reinos helenísticos e mais tarde com Roma⁸. Porto de importação para a madeira, os metais, o mármore — produtos que faltam — e para o azeite e vinhos finos. Porto de exportação sobretudo para o trigo, o papiro, tecidos ou musselinas de linho, os perfumes, os «artigos de Alexandria». Porto de trânsito enfim que reexpede para todo o Mediterrâneo as mercadorias que vêm da África profunda (marfim, ouro, plumas de avestruz, escavos negros, animais selvagens) ou da Arábia e da Índia (especiarias, aromas, perfumes e sedas). Estas mercadorias chegam a Alexandria pelo canal de Necau ou pelas pistas e pelo Nilo (V. *infra*, pág. 193 e seg.) ou pelo mar desde Gaza (V. *infra*, pág. 198). A importância do tráfego marítimo e fluvial — com transbordo de carga em Alexandria — explica o desenvolvimento dos seus estaleiros navais.

Enfim, teremos ocasião de verificar que Alexandria é um dos centros culturais mais vivos do mundo grego. O seu brilho é tal, que durante muito tempo se chamou — erradamente — alexandino a tudo o que é helenístico. Graças ao mecenato dos príncipes esclarecidos, graças aos grandes legados que eles deixaram à cidade, vê-se, durante mais de um século, Alexandria à cabeça do novo helenismo, nascido da epopeia do seu fundador. Os seus poetas, sábios, eruditos, escultores e toreutas ilustram o século III. Depois, assiste-se a um declínio não desprovido de encanto...

Mas esta situação brilhante coloca-se à margem do Egipto. A fórmula latina *Alexandria ad Aegyptum*, «Alexandria ao pé do Egipto», ilustra uma realidade válida também para a época ptolomáica. A grande cidade que se assemelha — para melhor — às outras cidades helenísticas é a capital de um reino que, na *chora*, continua a sua existência imemorial e imutável. Esta é, no fundo, a verdadeira fraqueza de Alexandria e daqueles que presidiram ao seu

⁸ As suas relações são universais: o século III faz comércio sobretudo com a Grécia, o arquipelago, a Ásia Menor, a Síria e a Fenícia, Chipre, a Sicília, o Mar Vermelho, o Ponto. Apesar da crise do século II estende a sua clientela a Cartago (até 146), à Campânia e a Roma.

desenvolvimento: obnubilados pelas formas especificamente gregas do Estado, conseguiram criar uma *polis* grande, bela, próspera, mas sem a integrar na vida do reino, no qual ela se encontra como se estivesse colada.

Mercantilismo capitalista e dirigismo de estado

A vida económica sofre uma transformação radical. A Grécia deixou de desempenhar o papel central e dominador que tivera durante séculos e que tinha começado a perder a partir do século IV; apenas duas praças insulares (Rodes e depois Delos) e Corinto têm ainda uma importância internacional. Todas as actividades tendem a concentrar-se na Ásia Menor, na Síria e no Egipto.

As trocas internacionais

Isto quer dizer que a economia de tipo colonial que, durante tanto tempo tinha prevalecido, desaparece; salvo no Extremo Ocidente e no Ponto, agora já não se trata de fazer escoar os produtos gregos para as regiões subdesenvolvidas. Inversamente surgem dois novos tipos de trocas.

Por um lado, o comércio dos reinos helenísticos entre eles ou com a Grécia é activo. Assenta primeiro nos produtos alimentares (o Egipto, em especial, é um grande exportador de trigo; inversamente, os Gregos do Oriente continuam gulosos de bom vinho, que continua a vir da Grécia ou da Anatólia, e de azeite; os papiros informam-nos mesmo de alguns negócios mais especializados, como o das avelãs do Ponto) e nas matérias-primas (madeiras, resinas, metais). Em segundo lugar, circulam produtos manufacturados de boa qualidade: cerâmica dita megárica, vasos metálicos, bronzes de arte, ex-votos e jóias, tecidos e tapetes de luxo (tudo o que é produção corrente é a partir de agora fabricado por toda a parte com o desenvolvimento das indústrias de base). Por fim, o tráfico de escravos é considerável.

Por outro lado, a conquista do Oriente permite a chegada ao Mediterrâneo de produtos originários da África profunda, da Arábia, da Índia: marfim, especiarias, incenso e perfumes, pérolas e pedras preciosas... A importância dos portos sírios e de Alexandria explica-se em grande parte porque é aí que terminam as vias terrestres ou marítimas através das quais esses produtos são transportados. A compra destas mercadorias de grande luxo provoca o déficit da balança comercial, o que está na origem de uma hemorragia de ouro e de prata que irá durar

até ao fim do Império romano. Temos ocasião de reencontrar este tráfico longínquo, simultaneamente causa e consequência da abertura do mundo helenístico a regiões que a Grécia clássica conheceu mal e durante pouco tempo.

É certo que nem todas as condições são favoráveis ao desenvolvimento do tráfico. As guerras devastam os reinos helenísticos; a pirataria, sobretudo no século I, é um mal difícil de reffrear. Os Gregos possuem concorrentes com os quais têm de partilhar os lucros. O comércio com a Índia pressupõe intermediários: por mar, os Árabes; por terra, os Partos, depois da constituição de uma Pátria independente. Até no Mediterrâneo os Gregos têm rivais ousados e empreendedores: Cartago conhece um novo impulso, depois do recuo efectuado durante a época clássica; Roma interessa-se cada vez mais pelo Oriente e, se as grandes necessidades de produtos de luxo que nascem na Itália com a nova avidéz da *nobilitas* e da ordem equestre, suscitam trocas, essas necessidades são sobretudo proveitosas para os *negotiatori* italianos, cada vez mais arrogantes e seguros de si, à medida que Roma aumenta o seu ascendente sobre o mundo.

No entanto, o notável desenvolvimento económico que caracteriza a época explica-se por um conjunto de factores convergentes. As técnicas de navegação aperfeiçoam-se. Melhoram-se ou aumentam-se excelentes portos comerciais. Os soberanos prestam grande atenção às estradas e canais. Por toda a parte se verifica um esforço inteligente, na linha dos Grandes Reis e de Alexandre, para dar ao Egipto e à Ásia a infra-estrutura económica necessária ao grande comércio.

A procura é considerável. Não se trata apenas de factores constantes, e que subsistem, tal como a necessidade que têm de se reabastecer, ou o Egipto de adquirir madeira e ferro. À estas necessidades vitais juntam-se outras, nascidas da sofisticação de uma civilização que não se quer privar nem de nenhum prazer nem de nenhum luxo. Os reis gastam sem preocupações para manterem a corte e em festas que para eles são quase uma obrigação, visto que lhes conferem prestígio. Existe uma burguesia rica e esclarecida que gosta do fausto e que já não seria capaz de se contentar com a vida austera dos Gregos do século V. Não conseguem passar sem o que, noutros lugares, é apetrecho ou sumptuoso. O próprio Mediterrâneo é demasiado pequeno para as suas ambições; tanto a África negra como a Índia têm o que eles precisam para embelezar palácios ou mansões, para adornarem as suas próprias pessoas, para darem ao quotidiano o picante do exotismo.